

MEMÓRIAS despudoradas

E-MAIL



O sexo em publico
ganha um registro em
elogiada obra literária

Jogue a primeira pedra quem nunca fez uma baixaria. Poucos são os que têm coragem de assumir, quanto mais contar com detalhes o que fizeram em lugares suspeitos. Em seu livro de estréia, *Cinema Orly*, Luis Capucho mostra com crueza de detalhes toda a movimentação dos cinemas pornô e as implicações interiores de quem os frequênta. Um relato impressionante, para ser lido de uma só vez. Capixaba de 37 anos radicado no Rio e formado em Letras, Capucho não se considera poeta nem escritor, mas antes de tudo músico. E como tal foi saudado como um mestre por nomes como Cássia Eller, Pedro Luís e Mathilda Kóvak. Segundo a orelha do livro, "atualmente se dedica à recuperação de seqüelas de doenças decorrentes da síndrome de imunodeficiência adquirida".

O livro é focado no cinema, mas cita outras passagens pelo basfond, incluindo flagrantes da polícia. Qual o fascínio que o sexo público e proibido exerce sobre muitos gays?

Poucos são os que gostam realmente de exibição. O sexo permitido na penumbra do cinema e o que é feito nas beiradas da cidade é o sexo para o qual nos espremeram nossa mãe, nosso pai, nosso irmão. Qual gay não gostaria de ter um mundo estabelecido para si, onde não ficasse tão vulnerável e exposto? Talvez a falta desse mundo faça com que se comporte feito barata tonta, feito mariposa em volta da lâmpada. Por isso, acho que não há fascínio, que o sexo público e proibido é uma cilada. Para que digam coisa do tipo: "Tá vendo?";

"Isso não presta"; "É viado baranga!". A narrativa do *Cinema Orly* faz parte dessa exposição. Mas o prazer não está em se exibir. Antes é reviver um história de sexo que foi intensa. Acho que o fascínio está no sexo. Ser público é uma circunstância. Para os que gostam de verdade da exibição, e isso não é privilégio dos gays, sou voyeur apaixonado. Por isso é que ia para um cinema pornô. No cinema, posso supor o prazer dos que gostavam apenas de mostrar o pau no banheiro ou sentado numa poltrona. E a gente ficava admirado, assim como ficávamos fascinados pelos filmes. Naturalmente, possuídos pela instigação, não resistíamos ao pau que se oferecesse. O cinema contribuía para isso. Não importa se estamos em público. Fascinante é o caralho!

Você diz que os frequêntadores desenvolviam regras próprias. Existe alguma cumplicidade implícita ou solidariedade entre eles?

Falo no livro das regras para a pegação. Então há mesmo uma cumplicidade em torno do sexo masculino, porque no cinema há apenas homens (mesmo que alguns estejam vestidos). Eu, particularmente, sentia-me absolutamente confortado no cinema, protegido. Acho que assim, entre cúmplices, todos são solidários. Estamos salvos. É como uma "Arca de Noé".

As letras de músicas homoeróticas que estão no livro já encontraram um intérprete? Você compôs pensando em algum cantor?

Achava que eu próprio iria cantá-las. Adorava quando surgiam intérpretes. Procurava-os. Geralmente eram mulheres. A Ilda Santiago canta *Rapazes*. Eu e a Suely Mesquita cantamos *O Amor É Sacanagem* no disco *Ovo*, e Marcos Sacramento canta *Homens*.

Na sua opinião o sexo casual dificulta a manutenção de relacionamentos?

Não entendo de relacionamentos.

Que tipo de reação você tem encontrado nos leitores?

O que mais ouvi foi tratar-se de uma porrada. Uns se excitam, outros não.

Uns ficam felizes, outros tristes. Tem gente que tem uma reação chocha, do tipo: "Legal, muito legal o livro". Eu acho que não são bons leitores porque o bom leitor sempre se exprime melhor que isso. Mamãe acha que sou um grande escritor!



ROBSON MONTEIRO

...há mesmo uma
cumplicidade em torno
do sexo masculino...